

PÁGINAS DE TERRA, LETRAS DE SONHO OU O TEXTO DE UM HOMEM CHAMADO MIA COUTO

Vânia Vasconcelos

*Graduada em Letras e Jornalismo na Bahia. Mestre em
Literatura pela UFC. Foi professora da Universidade Estadual
da Bahia. É professora da UECE, articulista do
Caderno Vida e Arte do Jornal O Povo e assessora do
Instituto de Cultura e Arte da UFC.*

'Onde restou o homem, sobreviveu
semente, sonho a engravidar o tempo'
(Mia Couto)

Afinal, quem é Mia Couto?

Mia Couto é Antonio Emílio Leite Couto. Nasceu na Beira, Moçambique, em um bairro popular no ano de 1955. Filho de pais portugueses, cresceu com alma africana, trazendo dentro de si, além do sentido da identidade mestiça, a habilidade de enredar histórias costuradas de mitos, nascidas talvez em aldeias distantes, dilatadas por crendices e cantigas e modificadas por olhos e ouvidos de quem traz no sangue os velhos ecos do mundo europeu. Conviveu desde a infância com os contadores de histórias das culturas heterogêneas. Em fala sua, durante a 6ª Bienal Internacional do Livro do Ceará, ele destacou o fato de que alguém teria, ainda na adolescência, lhe perguntado se sabia contar histórias do seu povo e ele teria ficado preocupado com o fato de não sabê-lo, tendo então passado a ter cuidado especial ao ouvi-las e guardá-las. Assim, talvez fosse fácil definir a fórmula que forma seu desejo de contar histórias: a força de um mundo rico de imagens e enredos mágicos que nisso se sustentou para sobreviver à guerra e à invasão, associada ao cuidado e apuro de uma língua que guarda a tradição de grandes poetas.

Como todo grande escritor, de seu lugar no mundo, canta o homem do mundo inteiro e faz de sua arte, escrita universal.

: Preocupado com os rumos e usos que se faz da sua obra, parece cuidar de não se perder entre prêmios e louros, deixando sempre claro sua intenção em manter-se fiel ao que julga essencial na escrita. Isto fica bem delineado quando diz que o que é mais vital para a criação literária é a capacidade de encantar, de provocar o envolvimento. No caso do seu texto, esse envolvimento é aguçado pela invenção lingüística, a modificação da sintaxe e da morfossintaxe, causando o efeito defendido por Erza Pound como fundamental para estabelecer qualidade estética, que é o da linguagem sempre renovada, da formulação inédita, que intensifica o valor poético.

O autor de que tratamos, ainda quando repete muito um uso, como é o caso do prefixo 'des', cria várias possibilidades, combinando-o com palavras de várias classes gramaticais (desnamoros, desluada noite, desengenhosos, descontar histórias), combinações essas, ora previstas na língua, ora não, provocando sempre uma reorganização mental por parte do leitor, num exercício que certamente provoca nossa memória roseana. Outro ponto fundamental na sua escrita é a apreensão do mágico no cotidiano da gente simples, sua principal matéria-prima, transformando cada momento, seja a separação ou encontro de um casal, seja a morte de um ser amado, seja uma mulher e seu espelho, em página encantada.

O autor nos dá também outras pistas da gênese da sua escrita quando escreve sobre o pai poeta: '...meu pai escrevia e daquele amontoar de horas / que lhes vinham cair nos braços/ nasciam poemas/ tecia palavras como quem veste crianças/ por vezes / ébrio de solidão.' Mia Couto é um escritor de alma cheia das lendas que ouviu e de declarado amor por seu povo, ou melhor, pelo que há de melhor no gênero humano. A opção pela suavidade emocional, pelo desenho poético dos gestos e falas, talvez fique clara em sua afirmativa: 'O mundo necessita ser visto é sob a luz do luar, essa claridade que cai com respeito e delicadeza, e que revela dos seres o seu lado feminino'

Não se pode esquecer que ele se formou escritor, jornalista, pai e biólogo em meio a conflitos graves: uma guerra civil, um país devastado, uma população que sofre ainda os efeitos do atraso social e dores de identificação com sua cultura, sempre ameaçada. No entanto,

essa mesma nação é um jovem país cheio de desejo de se fazer inteiro, maturado sob o signo da luta e do porvir. Essa realidade que afugentaria ânimos, que embotaria muitas sensibilidades, neste homem, causou efeito diverso. Parece, como fica dito na citação que inicia esse texto, que o duro solo das privações que ele viu alastrar-se por sua terra e seu povo, fizeram nascer em sua alma um sentido de esperança inabalável, que se embebe da própria gente e resulta em paisagens vivas nas suas páginas. A guerra, porém, que é uma imagem dos seus textos, não é a protagonista, nem o tema; mesmo quando o é numa leitura mais superficial. O escritor interessa-se pela vida, ainda quando fala da morte e dos fantasmas que habitam os sonhos dos que vivem. Uns e outros, fantasmas e pessoas, são seres que buscam o tesouro efêmero de uma felicidade fugaz como um perfume que passa, mas que embriaga ou enfeitiça os sentidos, tornando-se essencial. É dessa busca que falam as histórias de Mia Couto. Talvez por isso seus personagens sejam tão andarilhos e, ao mesmo tempo, tão presos aos seus caminhos. O tesouro que procuram ora na estrada, ora nos lugares abertos na dimensão do sonho, ora na sua própria terra, tem a esperança como elemento formador. Fantasmas e homens seguem viajando, atravessando trilhas de guerra, caminhos de rios, paisagens de chuva, desertos e cidades enquanto se transformam.

Na década de 70, o autor abandonou o curso de Medicina para se dedicar ao jornalismo. Através dos textos jornalísticos, o autor dedicou-se atento ao trabalho de construção do seu país, recém independente. Os textos são a arma, através da qual, denuncia a arbitrariedade e o abuso de poder que começaram a tomar conta de Moçambique. Foi diretor da agência de Informações de Moçambique e da revista Tempo.

No livro, começou pela poesia, com a edição de 'Raiz de Orvalho', em 1983. Antes já publicara crônicas em duas colunas: 'Quotidiano' e 'Cronicando', que mais tarde reuniria em volume único. A poesia do autor, no dizer Fernanda Angus, é uma reação à poesia utilitária, militante ou funcional, é 'um lugar dado ao amor, à ternura e ao apelo de solidariedade humana'. A respeito da prosa, José Caveirinha, importante escritor moçambicano, afirma que o êxito da escrita de Mia se deve ao fato de que ele sabe como ninguém associar ao ritmo poético do texto, a concisão e sobriedade do jornalista. Sem dúvida, a inventividade poética casa-se com a concisão e, acrescentaria, a riqueza imagética (que também alimenta-

se da visão jornalística) no gênero que lhe rendeu mais traduções e popularidade: o conto. Seu primeiro livro de contos 'Vozes anoitecidas' foi publicado em 1986, sendo a primeira edição imediatamente esgotada. No ano seguinte, sai uma edição em Portugal, pela editora Caminho.

As páginas de terra, sangue e poesia:

'Terra Sonâmbula' é a primeira narrativa longa publicada pelo autor e foi eleita, pelo júri de Zimbabwe, um dos doze melhores romances africanos do século XX. O autor ganhou outros prêmios literários, entre eles o Vergílio Ferreira pelo conjunto da obra em 1999.

Uma das propostas da crítica ao estabelecer uma divisão da obra do autor africano é situá-la com relação à guerra, estabelecendo uma divisão em três tempos: os textos chamados 'contos de guerra' dos dois livros de contos 'Vozes anoitecidas' e 'Cada homem é uma raça' incluindo ainda as crônicas de *Cronicando*; o romance entre a guerra e a paz, de 1992, 'Terra Sonâmbula' e a escrita de pós-guerra, que inclui os contos de 'Estórias Abesonhadas', de 1994, as crônicas publicadas a partir de então e o mais novo romance 'Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra', de 2003.

Se tomarmos a narrativa curta como referência, podemos afirmar que há uma linha estilística que vai claramente amadurecendo sem perder a essência. Os primeiros contos revelam o despertar do escritor para uma espécie de 'tradução' lendária da sua cultura a partir do cotidiano moçambicano e, embora a guerra seja paisagem necessária, volto a dizer, ela não é o motivo principal. À medida que evoluem, as histórias são coloridas ora pelo humor, ora por tragicidade, espanto e magia, mas principalmente por uma ternura profundamente humana que perpassa tudo.

A opção pelo realismo mágico dá aos textos a liberdade de poder construir-se no plano mítico, abordando a realidade numa perspectiva aberta a um nível de invenção que incorpora as possibilidades do imaginário da cultura africana, bem como alcança as imagens dolorosas da desconstrução psíquico-social da guerra ou as outras, que escrevem a esperança em sonhos. É alcançando o amadurecimento estilístico que ele chega a 'Estórias Abesonhadas', reunião de contos que dialogam com as narrativas de 'Primeiras Estórias' de João Guimarães Rosa.

As invenções de Rosa, calcadas nas infinitas possibilidades de surpreender com a linguagem criavam um re-encantamento lingüístico que está em Mia Couto. Construções como: 'embrulho cor de presente', 'ela se ilumina de espanto' ou 'o arrepio da alma perdendo morada', tiradas dos contos do africano, nos fazem pensar no estilo de um e outro escritor. Entenda-se que a escrita e o estilo do autor moçambicano inscrevem sua marca com clareza e independência, mas não há como negar a influência da leitura roseana. Há semelhança, inclusive, de temas, perfazendo, em alguns lances, escrita intertextual, podendo indicar mesmo certa homenagem do moçambicano ao mineiro. É o que acontece na série de contos de 'Estórias abensonhadas'. Neste volume, encontraremos narrativas como 'O cego Estrelinho' que dialoga com 'A Benfazeja' de Guimarães, 'Nas águas do tempo' que se mira no conhecido 'A terceira margem do rio' ou 'As flores da novidade', que lembra em muito 'A menina de lá', do escritor mineiro em 'Primeiras Estórias'. Em cada um deles, no entanto, Mia encontra uma solução própria tanto de enredo como de construção de personagem. A aclimação dos temas à paisagem africana nos faz entender que, entre os dois, além da opção pelo casamento entre a alquimia lingüística e a voz do imaginário popular, há também a compreensão do homem como um ser universal, embora pintado com tintas próprias em cada lugar.

A prosa de Mia Couto, seja romance, crônica ou conto, que é seu gênero de excelência, nasce de claro sentimento que este possui por seu povo e o respeito por sua intimidade, seu interesse cuidadoso pelas cores e vozes ali manifestas. Talvez por isso, onde ele escreve dor, também escreve dança e festa, compondo um quadro mais integral do povo de Moçambique. O tecido de suas linhas, portanto, é alimentado pela oralidade moçambicana, mas a estampa tem raízes que se estendem também às culturas brasileira e européia.

À medida que avançamos na leitura da obra desse escritor, comecemos a perceber a recorrência de alguns elementos que funcionam talvez como signos propositivos de sua mensagem:

1) os personagens percorrem espaços da memória e do sonho, numa busca constante de si, do outro, de um país ou de um lugar mítico onde more a felicidade;

2) a morte e a solidão são condições sinônimas;

3) a água é uma paisagem que ora, abre as cortinas do desconhecido, levando aos limites da morte e do sonho, ora é tradutora de esperança em poças nas quais se brinca, enfim, é sempre condutora de

magia ou portal para outra dimensão;

4) Os mistérios, silêncios e prazeres entre homens e mulheres são tratados com ternura e humor (com a poesia fundamental do riso) e com a pitada necessária de tristeza, sem cair na pieguice.

Uma Terra insone

Optamos, pela necessidade de esmiuçar mais um exemplo, por comentar um pouco mais detidamente o seu primeiro romance: Terra Sonâmbula.

Começo com uma das epígrafes escolhidas pelo autor para a página inicial da obra, que, hábito estilístico, é de uma fala de um dos personagens:

‘O que faz andar a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada estará viva. é para isso que servem os caminhos, para nos fazerem parentes do futuro.’

Essa narrativa é uma colcha de várias histórias, várias vozes narrativas, costuradas por dois personagens: um velho, Tuahir, e um menino, Muidinga, parceiros da estrada devastada pela guerra, unidos pelo abandono, que dividem um ‘machimbombo’ (ônibus) queimado quando desejam se esconder. São eles, há um só tempo, passado e futuro, memória e esquecimento (o menino esquecera o nome e a família no trauma que sofrera), fim e recomeço. Eles vão encontrando os personagens e vozes que compõem a realidade social e mítica moçambicana. A estrada que percorrem é o caminho para o futuro, mas se volta para a memória das histórias, mistura-se aos fantasmas das lendas e busca um lugar-tempo onde a dor termine.

Muidinga encontra os cadernos-diário de Kindzu, que por sua vez vai narrar o desmembramento de sua família a partir da guerra, seu encontro com a mulher misteriosa Farida, a quem ama e que lhe narra sua história, seu testemunho e desencanto diante das corrupções e torturas geradas em tempos de guerra e sua busca por Gaspar, o filho de Farida, roubado na guerra. Temos aí, portanto, a técnica sherazade de emendar histórias, saindo uma de dentro da outra, criando também um

labirinto onde os personagens se cruzam em esquinas surpreendentes.

Enquanto Muidinga e Tuahir vão buscando o lugar e o sentido, fugindo da guerra, encontram personagens emblemáticos da destruição e da re-construção que, por sua vez, lhes narram suas histórias: Siqueleto é o último de sua raça, órfão de uma aldeia-povo dizimada e escolhe morrer misturando-se a uma árvore para que sua gente se perpetue em planta; Nhamataca, o fazedor de rios, que cava a terra em busca de um caminho de águas, por crer que o homem pode inventar cursos e caminhos e não só os deuses e as 'mulheres velhas', guardiãs de um ritual estranho, talvez pervertido pelos tempos de ira, que investem em ritual sexual violento em busca da semente nova do menino, numa metáfora clara da urgência feroz de renovação de um povo ferido pela guerra.

Muidinga vai aprendendo o mundo mítico e assustado em que vive, tendo como guia e tradutor o velho Tuahir, mas Tuahir também aprende com Muidinga. É o menino quem lhe lê as histórias de Kindzu. O mundo das letras, esse mundo novo que revela o futuro através da experiência do outro, a esse mundo só Muidinga tinha acesso.

Os capítulos alternam a narrativa de um observador que nos conta a viagem de Muidinga e Tuahir e a narrativa de Kindzu, expulso pela guerra de um lar que se esvazia. Kindzu é um rapaz furioso com a guerra, a ponto de desejar se tornar soldado de um bando que lutava contra os que faziam a guerra e é em busca desse engano que ele sai de casa, abandona a mãe viúva, definida como uma sombra em permanente gestação e o irmão que se transformara em um galo, indo se esconder no galinheiro, para fugir da guerra. Kindzu segue a estrada.

Kindzu é também aquele que cedo compreende que o melhor homem é o que não tem raça, porque a noção de raça é condutora de conflitos. Órfão de família e de amizade (seu único amigo, um indiano, foge da terra), Kindzu sai pela estrada. A busca e a viagem, novamente emblemas da narrativa, conduzem o personagem ora por paisagens míticas, ora pelo sonho onde encontra o pai morto, ora pelas cidades, onde encontra a confusão do mundo social desfeito. Kindzu encontra o amor com Farida, mulher fugitiva também, que encarna o mito das gêmeas: reza a lenda que os gêmeos conduzem sempre uma maldição, devendo portanto morrer um deles. Farida é o bebê escolhido para morrer, mas é criada em segredo por uma tia, que a faz fugir ao perceber algum perigo. É perseguida por aqueles que desconfiam da sua existência. Acolhida por uma família portuguesa, vive em paz alguns anos até que, quando

moça, é violada e foge mais uma vez. Kindzu vive com Farida intenso e rápido momento de ternura, mas ela o repele e volta-se para sua espera de um barco que a levaria dali (a angústia do que-será mistura-se a permanente necessidade da esperança). Ela pede que ele procure por seu filho perdido e ele a acalanta com uma promessa. Novamente a estrada, a busca e os encontros com os retalhos da guerra.

A narrativa encerra-se com um episódio que liga as histórias de Kindzu e Muidinga em torno dos papéis escritos, que, nas palavras do livro

'Então as letras, uma por uma se vão convertendo em grãos de areia e, aos poucos, todos os meus escritos se vão transformando em páginas de terra'

É um fecho perfeito, pois é coerente à proposta da obra (toda) de Mia Couto, representada muito bem nesse enredo: traduzir poeticamente as vozes da terra sonâmbula, que vagueiam pela estrada, entre pesadelos e sonhos, entre desilusão e esperança, em busca de um futuro, de um barco, de um porvir, lugar mítico que se alimenta daquilo que nem mais se crê, mas ainda se busca. A proposta de escrever ou desenhar as rotas dessa estrada conduz a mão do escritor; a gana de fazer as perguntas entaladas na garganta do seu povo, bem como de cantar sua poesia, é o que dá colorido ao papel dessas páginas, transformando-as, como ele mesmo diz em páginas da própria terra.

BIBLIOGRAFIA

ANGIUS, Fernanda. O Desanoitecer da Palavra: estudo e seleção de textos inéditos de um autor moçambicano. Editora da Embaixada de Portugal, 1998

COUTO, Mia. Vozes Anoitecidas (contos). Lisboa: Caminho, 1990.

_____. Terra Sonâmbula (romance). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992

_____. Cada homem é uma raça (contos) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992

_____. Estórias Abensonhadas (contos) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996

_____. Um rio chamado Tempo, uma casa chamada Terra (romance). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.